

RESENHA

Que é habitar?

Clínica psicanalítica e criação artística

Frédéric Vinot

Contra Capa; Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, 2025, 212 págs.

“O que é habitar? Clínica psicanalítica e criação artística”, de Frédéric Vinot

“What is inhabiting? Psychoanalytic clinic and artistic creation”, from Frédéric Vinot

“¿Qué es habitar? Clínica psicoanalítica y creación artística”, de Frédéric Vinot

« Qu'est-ce qu'habiter ? Clinique psychanalytique et création artistique », du Frédéric Vinot

ARIANA LUCERO

*Deus é um cara gozador, adora brincadeira
Pois pra me jogar no mundo tinha o mundo inteiro
Mas achou muito engraçado me botar cabreiro
Na barriga da miséria, eu nasci brasileiro
Eu sou do Rio de Janeiro*

Chico Buarque, 1972

Começar a resenha do livro de Frédéric Vinot com uma canção de Chico Buarque de Hollanda é adotar a metodologia do autor em relação às aproximações da psicanálise com a literatura: “Trata-se de situar transferencialmente os leitores em relação ao texto e que tal transferência produz um *saber nem sobre o autor, nem sobre o texto, mas antes sobre o que é ler esse texto*” (Vinot, 2025, p. 158, *itálicos do autor*).

Não se trata de um livro de literatura, mas é um livro que certamente nos leva além da teoria psicanalítica, na medida em que sua leitura nos convida a ir além daquilo que

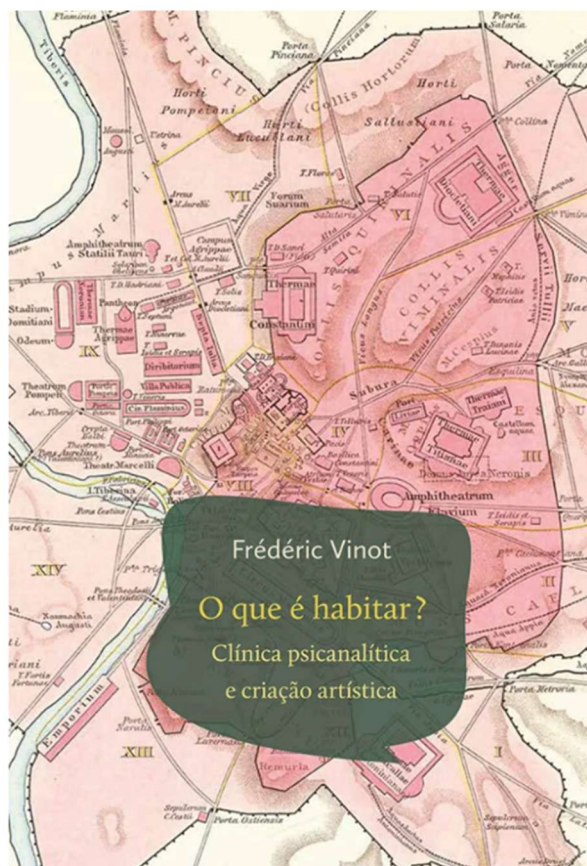
está sendo abordado, seja procurando ler e conhecer os livros mobilizados pelo próprio autor – obras de Philippe Vasset, Jean Echenoz, Pierre Bergounioux e Philippe Lançon –, seja buscando na memória outras referências em que (re)encontramos suas reflexões.

Tal como o subtítulo indica, Vinot (2025) não apenas mobiliza a clínica psicanalítica e a criação artística para responder a questão sobre *o que é habitar?*, mas coloca em cena o seu lugar de psicanalista francês, professor e pesquisador da Université Côte d’Azur, leitor, habitante de um mundo que existe para além dos mapas, nas “zonas brancas”, periféricas, de passagem e de trânsito, lugares onde, por vezes, não se deveria morar, mas que acolhem subjetividades que, com suas marcas, reconfiguram os espaços urbanos.

Um psicanalista que faz uma *geo-grafia* faz uma leitura das marcas que partem da terra, do asfalto e das calçadas sobre a subjetividade, apoiado em sua clínica com pessoas em situação de rua: “clínica dos sem endereço”.

Parte-se, portanto, da clínica, de uma práxis que não se restringe às paredes de um consultório e que, mesmo dentro dele, não escapa às determinações sociais:

Sem dúvida, seria um mau julgamento não reconhecer de saída que a psicanálise exige, no seu início, um alto grau de sublimação libidinal no nível da relação coletiva. A extrema decência, que se bem pode dizer ser mantida o mais das vezes na relação analítica, leva a pensar que, se o confinamento regular dos dois interessados ao abrigo de toda indiscrição só muito raramente atinge uma imposição do corpo de um sobre o outro, é que a tentação que este confinamento provocaria em qualquer outra ocupação é menor aqui do que alhures (Lacan, 1960-61/1992, p. 22).



Esta passagem que inaugura o seminário de Lacan sobre a transferência nos faz pensar sobre as possibilidades de exercer uma psicanálise fora do confinamento, no espaço público, com pessoas que, apesar de circularem o tempo todo no meio das multidões, nem sempre conseguem estabelecer laços sociais de modo convencional. As mediações terapêuticas pela arte mostram como é possível se servir de algumas produções/construções para mobilizar um relançamento da atividade significante e pulsional que permitam aquele que é habitado, possuído pela linguagem, habitar, de alguma forma, o campo simbólico.

A questão estruturalista não escapa a Vinot (2025) que, desde o começo do livro faz uma excelente análise freudiana das três formas do habitar em relação às três estruturas clínicas: a neurose com a metáfora da hospedaria ilustrada pela vagina; a perversão com a metonímia do falo e o erguimento de monumentos; a psicose com suas construções delirantes e habitações inovadoras. No entanto, os limites destas distinções são constantemente atravessados pela arte, pela literatura e pelo horror que o próprio ser humano pode provocar ao abalar os limites da civilização com sua perversidade.

Partindo de eventos reais, atentados terroristas na França, inclusive na cidade em que leciona – Nice –, Vinot (2025) nos faz pensar sobre as maneiras singulares e coletivas de lidar com a perda e a finitude: erguer monumentos seria um modo perverso de negação das perdas prematuramente infringidas? Não deixar nenhum traço do que aconteceu, modificar todo o cenário, de certa forma, negando a realidade e reconstruindo um mundo de fantasia onde as pessoas jamais seriam ameaçadas novamente, seria um delírio coletivo – assim deixando de ser delirante – para lidar com uma perda insuportável? Haveria um jeito “normal” de fazer um luto? Retornemos a Freud (1917/2011):

em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida (p. 49).

Trata-se, com efeito, de conviver com o mal-estar inerente a habitar este mundo de linguagem, lidar com o inabitável no cerne do habitar através de nossas fantasias, delírios ou inovações. Tudo isso, sem deixar de lado a deambulação e as viagens ao

estrangeiro. Afinal, o que buscamos (re)encontrar em nossas errâncias? Por um lado, pode-se ver nas “andanças” uma dificuldade de orientar-se no espaço físico e psíquico; por outro, a ilustre figura do *flâneur* nos guia frente à afirmação de Lacan (1975) de que “eu penso com os meus pés, é só aí que encontro algo duro”.

O exercício do pensamento, o trabalho de um luto, a elaboração de um trauma são abordados no livro em que Vinot (2025) faz uma verdadeira antropologia urbana psicanalítica, mostrando que são as diferenças que compõem a vida em uma grande cidade. Quanto mais cosmopolita, maiores as chances de o sujeito *cavar um lugar no mundo onde caiba a singularidade*. E isso não é fácil. Preferimos buscar um lugar que nos caiba, viajamos e nos encantamos com novos modos de vida, ao mesmo tempo em que criamos raízes, retornamos e temos de lidar com as mudanças, as perdas e os lutos de não encontrarmos os lugares da maneira como nos lembrávamos. Mas o bom é que isso nos leva a outros lugares, afinal:

*Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar*
(Cartola, 1976).

Finalizar esta resenha com outra música brasileira é um convite à leitura do livro de Frédéric Vinot, muito bem traduzido por Vera Avellar Ribeiro, feito a partir de textos publicados entre 2011 e 2023. O modo como o autor reorganiza sua produção de forma a transmitir a psicanálise através de um ponto que poderíamos considerar *êxtimo* à teoria psicanalítica aponta para a dimensão de criação da própria psicanálise e mostra como é possível fazê-la transitar pelas cidades – algo que os psicanalistas brasileiros vêm tentando concretizar e, por mais este motivo, a leitura de Vinot (2025), para nós, é indispensável.

Referências

- CANDEIA, Antônio (1976). Preciso me encontrar. In: **Cartola**. <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/cartola-1976> Acesso em 04 de setembro de 2025.
- FREUD, Sigmund (1917). **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- HOLLANDA, Chico Buarque (1972). **Partido Alto**. Disponível em <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/114> Acesso em 04 de setembro de 2025.
- LACAN, Jacques (1960-61). **Seminário 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques (1975). **Conferência no Instituto de Tecnologia de Massachussetts**. Disponível em <https://escritosavulsos.com/textos/> Acesso em 04 de setembro de 2025.
- VINOT, Frédéric (2025). **O que é habitar?** Clínica psicanalítica e criação artística. Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. (Coleção Janus, v. 27).

ARIANA LUCERO

Psicanalista.

Psicóloga.

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Pós-doutorado em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES em cotutela com Université de Nice Côte d’Azur.

Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais – LEPSI, da Rede Universitária Internacional de Estudos Psicanalíticos em Educação – RUEPSY e do Grupo de Trabalho em Psicanálise, Educação e Política da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia – ANPEPP.

ariana.lucero@ufes.br

Orcid: 0000-0001-6085-7784

Citação:

LUCERO, Ariana. “O que é habitar? Clínica psicanalítica e criação artística”, de Frédéric Vinot. Resenha do livro O que é habitar? Clínica psicanalítica e criação artística, de Frédéric Vinot. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2025.

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

